

APRESENTAÇÃO

*Maria José Fontelas Rosado Nunes**

Há dez anos nascia a revista *Mandrágora*! Tanto tempo depois, continua sendo única no Brasil, no campo das Ciências da Religião. Única porque dedica-se a interrogar as religiões do ponto de vista de gênero. Este número especial, comemorativo dessa década da publicação, apresenta artigos e ensaios propostos desde diversos campos disciplinares. Optei, nesta apresentação, por retomar os diferentes temas abordados. É interessante que dois textos, ainda que de perspectivas bastante distintas – um de caráter teórico, de Tânia Vieira Sampaio, e outro, de Carolina Teles Lemos, analisando dados empíricos relativos à área rural brasileira – abordam uma problemática atual e complexa: a corporeidade. Num caso, expressa na experiência da maternidade, e em outro, de maneira geral, como possibilidade de interrogação/proposição de novos paradigmas de compreensão do real. A abordagem escolhida pelas autoras lhes permite apontar para o desafio de um conhecimento que integre a interdependência de seres – todos eles e não apenas os humanos – e de saberes, para se construir um conhecimento inclusivo da humanidade, em sua totalidade e em suas interconexões. Terra, ecologia, crítica do mercado, e os reclamos por justiça se entrecruzam com as questões de gênero e religião.

A temática racial aparece no contexto de uma discussão teórica sobre o fazer teológico. Para além do mundo estreito dos conceitos, como diz a A., raça, como classe e gênero, devem ser dinamizados pela experiência vivida, pela memória e pela história. As visões de mundo religiosas de *negr@s* e de *branc@s*, por exemplo, podem ser bem diversas e conduzir reflexões teológicas de caráter distinto. Esta é a chave para uma reflexão teológica feminista, conforme Emilie Townes: *Memory and experience in feminist theology*.

Na mesma linha de questionamento sobre como fazer teologia feminista, Luiza Etsukô Tomita argumenta em favor da incorporação das experiências das mulheres para a reflexão teológica. Distingue essa teologia, nomeando-a Teologia Feminista da Libertação, por identificar as lutas das mulheres por libertação como objeto teológico.

A violência, em suas conexões com práticas e crenças religiosas, é analisada no texto de Raquel Carmen Riquelme Martinez. Questionada em sua prática pastoral pela experiência real da violência sofrida pelas mulheres, a A. articula a imagem androcêntrica de Deus às possibilidades de manutenção da violência exercida contra as mulheres.

* Doutora em Sociologia, professora da Pontifícia Universidade Católica e coordenadora de CDD – Católica pelo Direito de Decidir/Brasil.

No campo da exegese, dois textos, de Marli Wandermurem e de Maricel Mena-López, trabalham personagens femininas: Tamar e Sabá. A análise exegética fina faz com que ambas ressurgam da narrativa bíblica em sua inteireza de figuras míticas exemplares.

Finalmente, a poesia fecha o conjunto dos artigos. Divindade e corporeidade voltam a ocupar a cena, desta vez na poética de Adélia Prado. Sem ser feminista, a poetisa nos descortina seu mundo “teo-poético”, como o chama o A., Rodrigo Portella, em que se misturam erotismo e oração; dor e raiva, adesão crítica ao catolicismo e piedade comovida. E, como o Deus cristão, Adélia busca antes o corpo do que o espírito e faz dele a matéria de seus versos provocativos.

Uma resenha final convida-nos à leitura do livro de Tânia Mara Vieira Sampaio, *Movimentos do corpo prostituído da mulher – Aproximações da profecia atribuída a Oséias*, resultado de sua tese doutoral.

Mandrágora, veneno e remédio, oferece-nos, mais uma vez, a oportunidade de interrogarmos as religiões, de as analisarmos e compreendermos a partir de questões cruciais para a vida das mulheres.